



## O DIÁLOGO DO PENSAMENTO DE SÓCRATES COM HUGO ASSMANN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO

*Elton Vinicius Sadao Tada<sup>1</sup>; Ellen Makiko Tada<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Sócrates fez de sua vida um processo educativo. Passando ao âmbito da imaginação pode-se dizer, ainda que em hipótese, que, se Sócrates tivesse lido e assistido ao mundo atual, como Assmann fez, provavelmente haveria uma simetria quanto ao aproveitamento de tal leitura por ambos autores. Julga-se necessário entender que curiosidade, vida e esperança seriam tópicos claros de uma conversa entre ambos, que nenhum dos dois negaria, ou aceitaria a negação de tais pontos, para o ensino, especificamente nesse caso, o ensino universitário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Curiosidade; Hugo Assmann; Sócrates

### 1 INTRODUÇÃO

De tudo que foi lido para a realização do presente trabalho não há dúvidas que os textos que requereram maior concentração e dedicação foram os de autoria de Hugo Assmann. De modo algum se trata de uma linguagem academicista desnecessária e árida que dificulta a leitura, pelo contrário, o texto é de leitura agradável. Entender em profundidade o que Assmann diz é um engenho penoso por ele possuir e transpassar um conhecimento vastíssimo e ainda pelo intenso diálogo que o autor propõe com o que há de mais recente e importante nas ciências em geral<sup>3</sup>.

Todavia, em meio a tal dificuldade se apresenta um teórico extremamente humano preocupado com o ser humano em seu contexto, com a realidade mesma, ou seja, um posicionamento digno de quem militou de vários modos, inclusive através da teologia da libertação, seu nicho mais fértil, até na batalha de sua vida, marcada pela perseguição dos poderes ditatoriais da América latina de sua época. Além disso, sua proximidade com o professor Paulo Freire também mostra a preocupação de homens que lutaram pelos excluídos. Se Freire, um dos maiores pedagogos da história brasileira não é aqui

<sup>1</sup> Teólogo. Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Umesp. Professor do Cesumar – Centro Universitário de Maringá. [elton.tada@cesumar.br](mailto:elton.tada@cesumar.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. [elton.tada@cesumar.br](mailto:elton.tada@cesumar.br)

<sup>3</sup> Provavelmente, o autor que possui hoje mais autoridade na interpretação da obra de Assmann é o Prof.º Dr. Jung Mo Sung, amigo pessoal de Assmann e co-autor do livro ASSMANN, H.; SUNG, J. Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.

analisado, é porque Hugo Assmann supre tal discussão<sup>4</sup>. E ainda, se a palavra chave da obra de Freire seja “oprimido”, o que se pode dizer da obra de Assmann é “esperança”.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O método de estudo foi o de pesquisa bibliográfica. Após coleta e leitura de vasto material sobre o autores em discussão foi possível a apresentação de um diálogo sobre o pensamento de ambos a partir do ponto específico da curiosidade.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como colocar frente a frente Sócrates e Hugo Assmann? Tal pretensão deve ser a *priori* cuidadosa, mas assim sendo certamente se mostrará muito fértil. O ponto aqui eleito para o início do diálogo é o seguinte: a curiosidade. Questiona-se: falou-se anteriormente obre curiosidade no método socrático nesse trabalho? Talvez não diretamente. Mas há. No parir do saber a curiosidade rege todo o processo em suas entrelinhas.

Eis o posicionamento de Assmann sobre tal ponto:

Sob muitos pontos de vista, viver é ao mesmo tempo aprender e curiosar. Coisa que, ao que me parece, só é possível realizar com intensa fruição e prazer. Envolver algo em nossa criatividade significa circum-vivenciar (periengein) esse algo numa explosão nova de formas (ASSMANN, 2004, p.203).

Assmann confere aqui um bom ponto, o qual não havia sido substancialmente discutido ainda, a questão da curiosidade. Sem a curiosidade o que levaria o aluno a responder as questões que seu professor levanta e fazer a pesquisa intelectual proposta por outrem? Isso ressalta o fato do parir do saber ser algo novo, pois se fosse algo já conhecido nada haveria com que se preocupar, e não teria motivos para se pesquisar. A universidade, enquanto celeiro de pesquisadores, também deve proporcionar tal estímulo, e esse deve estar presente no interior do aluno, e não imposto externamente, o que lhe tiraria o poder da liberdade. Hugo Assmann chega a chamar tal processo de arte: “a curiosidade é criativa na medida em que é capaz de inovar as formas das coisas que fazem com que elas sejam precisamente o que elas são. Falar em formas já é falar artisticamente” (ASSMANN, 2004, p.203).

Outro ponto, que não deixa de se relacionar com o acima citado, e que também pode dialogar com a maiêutica socrática é o da “novidade”. O novo, aquilo que se mostra inédito, é uma presença constante na sociedade, e é uma característica dos seres pensantes. Muitas vezes, a Universidade pode se fechar ao novo em prol da defesa de sua ciência, ou seja, de seus valores que foram outrora novos, mas que se demonstram já estabelecidos. Assmann crê que é essencial revisitar o passado, mas com a mente aberta ao novo, ao curiosamente novo:

Seria absurdo querer eliminar da nossa percepção do tempo os ciclos e reinícios. Também na educação há ritmos, ciclos, retornos sobre as mesmas coisas. Em todas as formas, porém, a inovação é fundamental. Ainda mais quando as novas tecnologias nos mergulham numa dinâmica inédita, cujas propriedades já tem até nomes bem solenes: conectividade,

---

<sup>4</sup> O próprio Dr. Assmann relembra a importância da esperança no processo educacional para Freire: “por isso penso que seria uma falta de respeito a tão exímio mestre exacerbar seus conceitos e linguagens em polêmicas, que ele sabia serem bem pouco alavancadoras da esperança, na qual tanto se empenhou” (ASSMANN, 2004, p.193).

interatividade, transversalidade (transversatilidade) (ASSMANN, 1998, p.227).

É mister deixar essa discussão mais como um apontamento para pesquisas futuras, pois seria um engenho demasiadamente longo discuti-lo em todas as suas nuances. Não por isso ele pode deixar de ser brevemente comentado, como tudo o que está sendo feito aqui. O novo, tanto em nível filosófico quanto pedagógico pode não ser tão novo assim. O problema é a conscientização da necessidade de abertura para novos diálogos, talvez mais inusitados do que este que está sendo aqui feito, que não chega a ser muito inovador, é apenas incomum.

A academia, muitas vezes demora para assimilar alguns novos conceitos que aparecem diversas vezes primeiro na prática social e midiática do que em pesquisas científicas. Por exemplo, Assmann na citação acima fala de conceitos sistêmicos que foram utilizados primeiro pela mecânica, informática depois paulatinamente aderidos a ciências biológicas de nível acadêmico, para então ser analisados pela filosofia, pedagogia e pelas diversas ciências sócias, as quais tais conceitos são muito caros hoje.

O próprio Assmann dá um exemplo muito bom dessa abertura ao diálogo em toda sua obra, mas aqui se vê um trecho específico:

De todos os modos, fica de pé a tese de que grande parte dos processos corporais, implicados na aprendizagem, está ligada a tipos de auto-organização bio-psico-energética, que não são, de forma alguma, atribuíveis diretamente a níveis conscientes, prévios ou simultâneos; sendo que, normalmente, os ápices de consciência são ruminações decorrentes de todo um processo, prévio e simultâneo, que ocorre no substrato auto-organizativo da nossa corporeidade (ASSMANN, 1994, p.58).

Assmann está afirmando que processos corporais implicados na aprendizagem estão ligados a uma auto-organização bio-psico-energética. Falar em auto organização já é um princípio difícil, e que tem suas raízes nas análises sistêmicas da filosofia de meados do século vinte, mas que só tem sido assimiladas evidentemente após as atuais obras de Edgar Morin<sup>5</sup>, que sintetizam essas análises mais antigas.

Um outro trecho da obra de Assmann deixa bem clara sua preocupação com o diálogo do autor com teorias novas<sup>6</sup>. Nisso, ele muito se assomela com Sócrates, que dialogou com jovens, sofistas, políticos, matemáticos e tantos outros que se aproximavam dele. Vejamos as palavras de Assmann:

As biociências descobriram que a vida é, basicamente, uma persistência de processos de aprendizagem. Seres vivos são seres que conseguem manter, de forma flexível e adaptativa, a dinâmica de continuar aprendendo. Afirma-se até que processos vitais e processos de conhecimento são no fundo a mesma coisa. E isto vale para as moléculas e todas a foras de manifestação da vida, sem excluir instituições sociais

---

<sup>5</sup> Morin tem se mostrado um intelectual muito discutido atualmente. Talvez sua obra que melhor se insira na presente discussão seja "A inteligência da complexidade" São Paulo: Peirópolis, 2000. Conferir também sobre o assunto o comentário do Dr. Pedro Demo, brasileiro, leitor e intérprete de Morin: "Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento". São Paulo: Atlas, 2002.

<sup>6</sup> Assmann chega a considerar certas análises urgentes: "o conceito de corporeidade está a serviço de temas urgentes como: a aprendizagem como processo corporal; o estatuto do corpo na era virtual; a ameaça de neoplatonismos com o advento da inteligência artificial e da vida artificial" (ASSMANN, 1998, p.150). Vê-se claramente a preocupação que o autor tem quanto a abertura de diálogos na academia. O docente, sem sua prática, não deve fugir também de tais propostas, pois é nessa relação que se criam as releituras importantes para o desenvolvimento do conhecimento científico.

não esclerosadas. E para frisar ainda mais essa perspectiva que une processos vitais e processos de conhecimento, há algumas novidades fascinantes na pesquisa sobre o cérebro/mente (ASSMANN, 1998, p.22).

É muito intenso e interessante notar que Sócrates também dialogou com as ciências naturais, entretanto fez o caminho oposto, tirando a centralidade dos estudos naturais e criando a filosofia lógica e metafísica.

#### **4 CONCLUSÃO**

Voltar a Sócrates para discutir a educação superior não é um ruminar intelectual, mas o aproveitamento de tudo o que há de mais importante que a história da humanidade tem legado. Outros teóricos poderiam ter sido escolhidos para a presente discussão, mas os teóricos aqui utilizados contemplam as expectativas do projeto deste engenho em vários âmbitos, principalmente o que diz respeito as relações humanas, objetivo do saber, possibilidades de conhecimento e, acima de tudo, o processo da geração do saber em nível de ensino e aprendizado.

De tudo o que dito e revisto o mais importante a ressaltar e que pode se considerar como conclusão é que aquilo que se conhece por meio do processo de ensino e aprendizado não é algo fixo, e que as experiências coletivas com a ciência e a cultura permeiam a existência de cada indivíduo mas não possuem a capacidade de substituir a experiência individual a qual todo ser humano tem o direito natural de ter.

Assim, o papel da universidade é proporcionar que o ser humano, dentro e fora dela, possa adquirir tal experiência individual e contribuir dialeticamente com a história em prol da formação a cada momento de uma nova ciência, uma nova cultura e uma nova realidade. O mundo se dá a partir das experiências que o ser humano tem com ele. Isto é, a universidade e a sociedade em geral devem primar pela liberdade da relação homem-mundo-conhecimento, proporcionando um sistema educativo consistente para a base de toda sociedade e do mundo em si.

#### **REFERÊNCIAS**

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

\_\_\_\_\_. **Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem criativa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.

ASSMANN, H.; SUNG, J. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENOIT, Hector. **Sócrates, o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Moderna, 2006.

CORNFORD, F. M. **Antes e depois de Sócrates**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2002.

LABRIOLA, A. **Sócrates**. Rio de Janeiro: Companhia Brasil, 1939.

MARIÁS, Julián. **História da filosofia**. 8.ed. Porto: Souza & Almeida, 1987.

MONDOLFO, Rodolfo. **Sócrates**. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. 2ed. São Paulo: peirópolis, 2000.

PLATÃO. **Diálogos**; seleção de texto de José Américo Motta Pessanha – 5. ed. – São Paulo: Nova cultural, 1991. – (Os Pensadores)

VLASTOS, Gregory. **The Philosophy of Socrates: a collection of critical essays**. New York: Anchor books, 1971.

TAYLOR, A. E. **El pensamiento de Sócrates**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Pensamento entre os gregos**. 2.ed. São Paulo: Paz e terra.